

(Ficha catalográfica)

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ)

H598e

Hobsbawm, Eric J. Hobsbawm, Eric J.
A Era do capital: 1848-1875; tradução de Luciano Costa Neto. Rio de
Janeiro, Paz e Terra, 2ª ed. 1979.
343 p. ilustr. (Pensamento crítico, v. 12)

Do original em inglês: The age of Revolution: 1848-1875.

1. Europa - História - 1848-1875 2. História moderna - Século 19 3.
Revoluções - Europa I. Título II. Série

CDD - 909.81
940.284

CDU - 323.27:940"1848-1875"
94"1848-1875"
940"1848-1875"

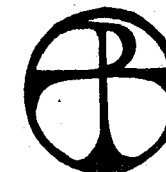
77-0364

A ERA DO CAPITAL
1848-1875

Tradução de
Luciano Costa Neto

2.ª EDIÇÃO

EDITORA PAZ E TERRA
Conselho Editorial
Antonio Candido
Antonio Callado
Fernando Henrique Cardoso



Paz e Terra

Copyright © by Weidenfeld & Nicolson Ltd., London
Título do original inglês:
The Age of Capital 1848-1875

capa: Mario Roberto Corrêa da Silva
sobre reprodução do quadro *Le
Bureau de Coton à la Nouvelle Orléans,*
de Edgar Degas (1873).

Direitos adquiridos pela
EDITORA PAZ E TERRA
Rua André-Cavalcanti, 86,
Fátima, Rio de Janeiro,
que se reserva a propriedade desta tradução.

1979

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Sumário

Nota do Tradutor	15
Prefácio	17
Introdução	21

PRIMEIRA PARTE: PRELÚDIO REVOLUCIONÁRIO

1. "A Primavera dos Povos"	29
----------------------------	----

SEGUNDA PARTE: DESENVOLVIMENTO

2. A Grande Expansão	49
3. O Mundo Unificado	67
4. Conflitos e Guerras	87
5. A Construção das Nações	101
6. As Forças da Democracia	117
7. Perdedores	135
8. Vencedores	153
9. A Sociedade em Processo de Mudança	173

TERCEIRA PARTE: RESULTADOS

10. A Terra	189
11. Os Homens se Põem a Caminho	207
12. A Cidade, a Indústria, a Classe Trabalhadora	221
13. O Mundo Burguês	241
14. Ciência, Religião, Ideologia	261

15. As Artes	287
16. Conclusão	311
Tabelas	317
Notas	327
Leitura Complementar	337

Ilustrações

(entre as páginas 160 e 161)

1. "A Colméia Britânica", por Cruickshank (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).
2. Alfred Krupp, água-forte (Foto: Mansell Collection).
3. Alfred, Príncipe de Windischgrätz, Österreichisches Nationalbibliothek.
4. *Camponês com Pá*, J.-F. Millet (Foto: Weidenfeld and Nicolson Archives).
5. Dr. e Sra. Worsley (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).
6. Capatazes na Exposição Internacional de 1862 (Foto: Victoria and Albert Museum).
7. Criados, cerca de 1860 (Foto: Victoria and Albert Museum).
8. "O engenhoso guincho a vapor do Sr. Ashton" (Foto: Victoria and Albert Museum).
9. A Escola de Arte, Exeter (Foto: Victoria and Albert Museum).
10. G.F. Watts (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).
11. Cartaz para a "Polca da Demolição", de Johann Strauss, Strauss Collection (Foto: Robert Rogers).
12. Construção da ferrovia subterrânea de Londres, gravura (Foto: Mary Evans Picture Library).
13. Scarisbrick Hall, Lancashire (Foto: A. F. Kersting).
14. Prefeitura de Halifax, ilustração de *Builder*, 1860, por Charles Barry (Foto: Weidenfeld and Nicolson Archives).
15. *Sobre Londres de Trem*, de Gustave Doré (Foto: Mansell Collection).
16. Manchester vista da Ponte Blackfriars, 1859, fotografia de George Grundy (Foto: Manchester Public Libraries).
17. Paris, Boulevard Sébastopol (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).
18. Praça da Ópera, Cairo (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).
19. A Ópera de Paris, 1860 (Foto: A.F. Kersting).
20. Paris, Boulevard des Italiens, 1864 (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).
21. O Castelo de Cardiff, interior (Foto: Edwin Smith).
22. Salão do Hôtel Païva, Paris, do *Un Hôtel Célèbre sous le Second Empire* (Foto: Sirot).

23. Sala de estar da Rainha Vitória, Castelo de Windsor (Foto reproduzida por Gentil Permissão de Sua Majestade a Rainha; *copyright reserved*).
24. "Cortando o Assado", fotografia estereoscópica, cerca de 1860 (Foto: Victoria and Albert Museum).
25. Sala em Lincoln Court; ilustração do *Illustrated Times*, 1861 (Foto: Weidenfeld and Nicolson Archives).
26. Opera de Paris, interior, impresso (Foto: Archives Photographiques, Paris).
27. Exposição Internacional de Paris, 1867 (Foto: Victoria and Albert Museum).
28. Salão, em Paris, 1867 (Foto: Roger-Viollet).
29. A Academia do Sr. Williams, cerca de 1865 (Foto: Lewisham Local History Library).
30. Carro dormitório da Estrada de Ferro Union Pacific, 1869 (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).
31. Estação Ferroviária de Charing Cross, 1864, impresso (Foto: Science Museum, Londres).
32. A Rainha Vitória, o Príncipe Albert e os filhos em torno da árvore de Natal, gravura (Foto: *The Illustrated London News*).
33. Canhão Krupp na Exposição Internacional de Paris em 1867, impresso (Foto: Weidenfeld and Nicolson Archives).
34. Jovem lendo, cerca de 1865 (Foto: Victoria and Albert Museum).
35. "Os irmãos Corrie, os três irmãos King, acompanhados de Brown e Woodruff", 1865 (Foto: Barnardo Photo Library).
36. Reunião para o chá no jardim, cerca de 1865 (Foto: Victoria and Albert Museum).
37. *Le Déjeuner sur l'Herbe*, de Manet, Museu do Louvre, Paris (Foto: Bulloz).
38. *The Dinner Hour, Wigan*, de Eyre Crowe, City Art Gallery, Manchester.
39. Fore Street, Lambeth York Wharf, cerca de 1860 (Foto: Victoria and Albert Museum).
40. Oficial britânico na Índia, cerca de 1870 (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).
41. "O Último do Rebanho", de W.W. Hoopper, cerca de 1877 (Foto: Royal Geographical Society).
42. Napoleão III, caricatura (Foto: Victoria and Albert Museum).
43. Charles Darwin (Foto: National Portrait Gallery, Londres).
44. Príncipe Otto von Bismarck, caricatura (Foto: Mansell Collection).
45. Lev Nikolaevitch Tolstoi, 1868 (Foto: Novosti Press Agency).
46. Gustave Coubert, fotografia de Nadar (Foto: Mansell Collection).
47. Fyodor Mikhailovitch Dostoiévsky, fotografia de V.G. Perov (Foto: Novosti Press Agency).
48. Giuseppe Garibaldi, gravura de W. Holl (Foto: R.B. Fleming).
49. Abraham Lincoln (Foto: Weidenfeld and Nicolson Archives).
50. Karl Marx (Foto: Mansell Collection).
51. Honoré Daumier (Foto: Mansell Collection).
52. Charles Dickens lendo para suas filhas (Foto: Victoria and Albert Museum).
53. Richard Wagner, 1865 (Foto: Mansell Collection).
54. Emigrantes em Cork seguindo para a América, 1851, gravura (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).
55. Descarregando mercadorias perto da alfândega de Calcutá (Foto: India Office).
56. Cartaz da ceifadeira McCormick (Foto: International Harvester Company of Great Britain).
57. Cabana de colonos no Rio de la Mancis (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).
58. Trabalhadores *coolies* hindus colocando trilhos (Fotos: Weidenfeld and Nicolson Archives).
59. Thomas Brassley, caricatura de Ape (Foto: Mansell Collection).
60. A Ponte de Devil's Gate, Estrada de Ferro Union Pacific (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).
61. Leilão de escravos na Virgínia, cerca de 1860, impresso (Foto: Mansell Collection).
62. Plantação de açúcar, Guiana (Foto: Weidenfeld and Nicolson Archives).
63. "O Porto de Londres", de *Um Espelho Completo de Locais Famosos de Países Bárbaros*, de Yoshitora (Foto: Victoria and Albert Museum).
64. Chegada de Henry Morton Stanley a uma aldeia africana; desenhada por ele mesmo (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).
65. *Grand Barricade du Chateau d'Eau*, 1848, Bibliotheque Nationale, Paris (Foto: Roger-Viollet).
66. Cena de barricada, de Jules David, 1848 (Foto: Roger-Viollet).
67. Louise Michel, gravura de Nash (Foto: Mary Evans Picture Library).
68. Cora Pearl, fotografia de Anatole Pouguet (Foto: Sirot).
69. Ataque às barricadas, Paris, 1871 (Foto: Editions Robert Laffont).
70. Greve em Le Creusot, 1870, Bibliothèque Nationale, Paris (Foto: Bulloz).
71. A fábrica Iron and Steel, Barrrow (Foto: Weidenfeld and Nicolson Archives).
72. Emblema da Amalgamated Society of Engineers (Weidenfeld and Nicolson Archives).
73. Impressora do *Daily Telegraph* (Foto: Mansell Collection).
74. *Le Bureau de Coton à la Nouvelle Orléans*, de Degas, Pau Museum (Foto: Bulloz).
75. Nova Orléans, cerca de 1870 (Foto: Radio Times Hulton Picture Library).

76. A Guerra Civil Americana, fotografia de William Brady (Foto: Mansell Collection).
77. Ataque à aldeia de Chaleira Preta, impresso do *Harper's Weekly*, 1868 (Foto: The Kansas State Historical Society, Topeka).
78. "O Pobre sem Casa", ilustração do *Punch*, 1859 (Foto: Weidenfeld and Nicolson Archives).

Mapas

(entre as páginas 321 e 326)

1. O Mundo em 1847.
2. O Mundo por volta de 1880.
3. 1847: Escravidão e Servidão no Mundo Ocidental.
4. 1880: Escravidão e Servidão no Mundo Ocidental.
5. Um Mundo em Movimento.
6. Cultura Ocidental em 1847-1875: Opera.

Décimo-Segundo Capítulo

A CIDADE, A INDÚSTRIA, A CLASSE TRABALHADORA

*Agora eles fazem até o nosso pão diário
Com vapor e com turbina
E muito em breve, a nossa própria conversa
Vamos empurrá-la com uma máquina
Em Trautenau há duas igrejas,
Uma para os ricos e outra para os pobres;
Nem mesmo na sepultura
É o pobre desgraçado seu igual.*

Poema in *Trautenau Wochenblatt*, 1869¹

Nos velhos tempos, se alguém chamasse um artesão de "trabalhador" ele seria levado certamente a uma briga... Mas agora disseram aos artesãos que os trabalhadores estão no topo do Estado, e portanto todos insistem em ser trabalhadores.

M. May, 1848²

A questão da pobreza é a mesma que a da morte, doença, inverno ou qualquer outro fenômeno natural. Não sei qual delas é possível de impedir.

William Makepeace Thackeray, 1848³

I

Dizer que os novos migrantes chegaram, ou que novas gerações então nasceram num mundo de indústria e tecnologia é bastante óbvio, mas não muito esclarecedor em si. Que tipo de mundo era este?

Era, em primeiro lugar, um mundo que não consistia apenas de fábricas, empregadores e proletários, ou que tivesse sido transformado pelo enorme progresso de seu setor industrial. Por mais espantosas que fossem estas medidas em si mesmas não são adequadas para medir o impacto do capitalismo. Em 1866, Reichenberg (Liberéc), o centro têxtil da Boêmia, ainda tinha metade de sua produção total através de trabalho manual, embora estes dependessem de alguma forma de algumas grandes fábricas. Era uma região sem dúvida menos avançada em organização industrial que Lancashire, onde os últimos dentre os trabalhadores manuais foram absorvidos por alguma outra forma

de trabalho na década de 1850. No ponto culminante do *boom* do açúcar do início da década de 1870, apenas 40 mil trabalhadores foram empregados na indústria açucareira. Mas este fato mede menos o impacto da nova indústria de açúcar do que o fato de quantidade de acres ocupados na sua produção haver sido multiplicada, no campo da Bohemia, por vinte vezes entre 1853-54 (4.800 hectares) e 1872-73 (123.800 hectares)⁴. O número dos passageiros nas linhas de estradas de ferro na Inglaterra quase que dobrou entre 1848 e 1854 – de 58 para 108 milhões – enquanto que a receita das companhias de carga multiplicou-se em duas vezes e meia – e isto é mais significativo que o percentual preciso de mercadorias industriais ou viagens de negócios ocultadas por estes números.

E ainda, o trabalho industrial em si mesmo, na sua estrutura e organização característica, além da urbanização – vida nas cidades que cresciam rapidamente – eram certamente as formas mais dramáticas da nova vida; nova porque mesmo a continuação pura e simples de alguma ocupação local escondia mudanças de longo alcance. Alguns anos depois do fim de nosso período (1887), o professor alemão Ferdinand Toennies formulou a distinção entre *Gemeinschaft* (comunidade) e *Gesellschaft* (uma sociedade de indivíduos), gêmeos hoje familiares a qualquer estudante de sociologia. A distinção é similar a outras feitas por observadores da época, entre jargões criados para denominar as sociedades “tradicionais” e “modernas” – por exemplo, a fórmula de Sir Henry Maine reduzindo o progresso da sociedade ao percurso “do *status* ao contrato”. O ponto a observar, entretanto, é que Toennies baseou sua análise não na diferença entre comunidade camponesa e sociedade urbanizada, mas entre a cidade antiquada e a metrópole capitalista, “essencialmente uma cidade comercial e, na medida em que o comércio domina o trabalho produtivo, uma cidade-fábrica”⁵. Este novo ambiente e sua estrutura são o objeto do presente capítulo.

A cidade era sem dúvida o mais impressionante símbolo exterior do mundo industrial, exceção feita à estrada de ferro. A urbanização cresceu rapidamente depois de 1850. Na primeira metade do século, somente a Inglaterra tinha tido uma taxa anual de urbanização superior a 0,20 pontos (representando a mudança do ponto percentual no nível da população urbana entre o primeiro e último censo do período, dividido pelo número de anos)⁶, embora a Bélgica praticamente atingisse aquele nível. Mas entre 1850 e 1890 até a Austro-Hungria, Noruega e Irlanda urbanizavam-se àquela taxa, sendo que a Bélgica e os Estados Unidos entre 0,30 e 0,40, Prússia, Austrália e Argentina entre 0,40 e 0,50, Inglaterra e País de Gales, além da Saxônia, a mais de 0,50 por ano. Dizer que a concentração de pessoas em cidades era “o mais impressionante fenômeno social do atual século”⁷ era dizer o óbvio. Para os nossos padrões ainda era modesta – pelo final do século pouco mais de uma dúzia de países havia atingido a taxa de concentração urbana da Inglaterra e País de Gales em 1801. Porém todos (exceto Escócia e Holanda) já haviam atingido este nível desde 1850.

A cidade industrial típica era neste período uma cidade de tamanho médio, mesmo por padrões atuais, embora, como ocorresse na Europa central e oriental, algumas cidades (que tendiam a ser muito grandes) também se tornaram centros maiores de produção – por exemplo, Berlim, Viena e São Petersburgo. Oldham tinha 83 mil habitantes em 1871, Barmen 75 mil, Roubaix 65 mil. Mas as antigas cidades industriais de maior reputação geralmente não atraíam as novas formas de produção, e conseqüentemente a nova região industrial típica tomava em geral a forma de pequenas vilas, que se transformavam em pequenas cidades, que depois se desenvolviam transformando-se em grandes cidades. Poucos de seus habitantes estavam a uma distância do campo superior a uma caminhada. Até a década de 1870, as grandes cidades da Alemanha industrial do ocidente, tais como Colônia e Dusseldorf, alimentavam-se com os mantimentos trazidos ao mercado semanal pelos camponeses das regiões circunvizinhas⁸. Em certo sentido, o choque da industrialização residia precisamente no grande contraste entre as habitações escuras, monótonas, repletas de gente e as fazendas coloridas circunvizinhas, como em Sheffield, por exemplo.

Isso é o que tornava possível que trabalhadores em áreas em processo de industrialização – embora tal fenômeno diminuísse rapidamente – permanecessem meio-agricultores. Até depois de 1900, os mineiros na Bélgica tiravam férias na estação certa (se necessário através de uma “greve de batatas”) para ir tomar conta de suas plantações de batatas. Mesmo na Inglaterra do norte, os desempregados na zona urbana podiam facilmente voltar ao trabalho nas fazendas próximas em época de verão⁹.

A grande cidade – quer dizer, um povoamento de mais de 200 mil, incluindo um punhado de cidades metropolitanas de mais de meio milhão – não era exatamente um centro industrial (embora pudesse contar um bom número de fábricas), mas mais precisamente um centro de comércio, transporte, administração e uma multiplicidade de serviços que uma grande concentração de pessoas atraía. A maioria de seus habitantes era de fato composta de trabalhadores, de um tipo ou de outro, incluindo um grande número de empregados domésticos – quase que um entre cinco habitantes de Londres (1851), mas uma proporção bem inferior em Paris¹⁰. E ainda, estas mesmas dimensões garantiam que estas cidades também contivessem uma boa porcentagem de classe média e baixa classe média – digamos, entre 20 e 23% tanto em Londres como em Paris.

Tais cidades cresceram com extraordinária rapidez. Viena cresceu de mais de 400 mil em 1846 para 700 mil em 1880, Berlim de 378 mil (1849) para quase um milhão (1875), Paris de 1 para 1,9 milhão e Londres de 2,5 para 3,9 milhões (1851-81), embora estes números percam o brilho diante de alguns outros de além-mar: Chicago ou Melbourne. Mas a forma, imagem e estrutura mesma da cidade havia mudado, tanto sob pressão para construção e planejamento politicamente moti-

vada (sobretudo em Paris e Viena) como pela fome de lucro das construtoras. Ambas não recebiam bem a presença dos pobres nas cidades, que eram a maioria da população, embora reconhecessem que eram um mal necessário.

Para os planejadores de cidades, os pobres eram uma ameaça pública, suas concentrações potencialmente capazes de se desenvolver em distúrbios deveriam ser impedidas e cortadas por avenidas e bulevares, que levariam os pobres dos bairros populosos a procurar habitações em lugares menos perigosos. Esta também era a política das estradas de ferro, que fazia suas linhas passarem através destes bairros, onde os custos eram menores e os protestos negligenciáveis. Para os construtores, os pobres eram um mercado que não dava lucro, comparado ao dos ricos com suas lojas especializadas e distritos de comércio, e também às sólidas casas e apartamentos para a classe média. Quando os pobres não ocupavam os distritos centrais das cidades abandonados pelas classes mais elevadas, seus lugares eram construídos por empresários especuladores ou pelos construtores dos grandes blocos de aluguel, conhecidos na Alemanha como "barracões de aluguel" (*Mietkasernen*). Das casas populares construídas em Glasgow entre 1866 e 1874, 75% eram de um ou dois quartos apenas, e mesmo assim foram rapidamente ocupadas.

Quem diz cidade de meados do século XIX, diz "superpovoada" e "cortiço" e, quanto mais rápido a cidade crescesse, pior era em superpopulação. Apesar da reforma sanitária e do pequeno planejamento que ali havia, o problema da superpopulação talvez tenha crescido neste período sem que a saúde tenha melhorado, quando não piorou decididamente. As maiores melhorias neste setor só começaram a ocorrer no final de nosso período. As cidades ainda devoravam suas populações, embora as cidades inglesas, na qualidade de mais antigas da era industrial, estivessem próximas de se reproduzirem a si mesmas, isto é, crescer sem a constante e maciça transfusão de sangue representada pela imigração.

Dar mais atenção às necessidades dos pobres em si não chegaria a dobrar o número dos arquitetos londrinos em 20 anos (de pouco mais de 1 mil para 2 mil – na década de 1830 eles deveriam perfazer menos de uma centena), embora a construção de casas populares viesse a se transformar num negócio bastante lucrativo¹¹. Era, na realidade, uma época de *boom* na arquitetura e na construção – para a burguesia. Sua história foi escrita, em relação a Paris, por Emile Zola. A época iria assistir a construção de casas em lugares caros que aumentavam constantemente de preço, e conseqüentemente o nascimento do "elevador", depois seguido da construção dos primeiros arranha-céus nos Estados Unidos. É importante lembrar que, no momento em que os negócios de Manhattan começaram a atingir os céus, o setor-leste de Nova York era provavelmente o mais populoso cortiço do mundo ocidental, com mais de 520 pessoas por acre. Ninguém construía arranha-céus para eles: talvez para sorte deles.

Paradoxalmente, tanto mais a classe média crescia e florescia, drenando recursos para seu próprio sistema habitacional, escritórios, lojas que eram tão características do desenvolvimento da época e seus prestigiosos edifícios, relativamente menos recursos eram dedicados aos bairros da classe operária, exceto nas formas mais gerais de despesas públicas – ruas, esgotos, iluminação e utilidades públicas. A única forma de empresa privada (incluindo construção) que se dirigia basicamente ao mercado de massa, exceção feita ao mercado e pequena loja, era a taverna – que transformou-se no elaborado *gin-palace* da Inglaterra das décadas de 1860 e 1870 – e seu corolário, o teatro e o *music-hall*. Pois, na medida em que as pessoas se tornavam urbanizadas, as antigas tradições e práticas que haviam trazido do campo ou da cidade pré-industrial tornavam-se irrelevantes ou impraticáveis.

II

A grande cidade era um portento, embora só contivesse uma minoria da população. A grande empresa industrial era ali ainda pouco significativa. De fato, pelos padrões modernos, o tamanho de tais empresas não era muito expressivo, embora tendesse a aumentar. Na década de 1850, uma fábrica com 300 trabalhadores na Inglaterra podia ser ainda considerada muito grande, e em 1871 uma fábrica de tecidos inglesa empregava normalmente 180 pessoas.¹² A indústria pesada, tão característica de nosso período, era muito maior do que isso, e tendia a desenvolver as concentrações de capital que controlavam cidades ou regiões inteiras, mobilizando vastos exércitos de trabalho sob seu comando.

Companhias de estradas de ferro eram gigantescos empreendimentos, mesmo quando construídas e dirigidas em condições de livre iniciativa e competição, como normalmente não o eram. Na época em que o sistema ferroviário inglês havia-se estabilizado, no final da década de 1860, cada metro de trilho entre a fronteira escocesa, as montanhas Pennine, o mar e o Rio Humber era controlado pela North-Eastern Railway. Minas de carvão eram ainda, na maioria dos casos, empreendimentos individuais e freqüentemente pequenos, embora as dimensões de alguns grandes desastres operacionais dêem alguma idéia da escala em que operavam: 145 mortos em Risca em 1860, 178 em Ferndale em 1867, 140 em Swaithe (Yorkshire), 110 em Mons (Bélgica) em 1875, e 200 em High Blantyre (Escócia) em 1877. De forma crescente, e em especial na Alemanha, a combinação do horizontal com o vertical produziu aqueles impérios industriais que controlavam a vida de milhares. A empresa conhecida desde 1873 como *Gutehoffnungshütte A. G.* era sem dúvida a maior da Ruhr, mas já havia então se estendido de siderurgia para minas de carvão – produzindo praticamente todas as 215 mil toneladas de ferro e a metade das 415 mil toneladas de carvão que a Ruhr inteira requeria – e havia se diversifica-

do em transporte, construção de pontes, navios e uma grande variedade de máquinas.¹³

Não deve causar admiração o fato de que os Krupp em Essen cresceram de 72 trabalhadores em 1848 para quase 12 mil em 1873, ou que Schneider na França tivesse atingido 12.500 em 1870, de forma que mais da metade da população da cidade de Creusot trabalhava nos seus fornos e maquinaria diversa.¹⁴ A indústria pesada produziu a região industrial da mesma forma que produziu a companhia que englobava cidades, onde o destino de homens e mulheres dependia do humor e boa-vontade de um único gerente, atrás do qual estava a força da lei e do poder do Estado, olhando esta autoridade como necessária e benfazeja.

Pois, fosse pequena ou grande, era o “gerente” e não a autoridade impessoal da “companhia” que dirigia os negócios, e até a companhia era identificada com um único homem, e não com um corpo de diretores. Na maioria das mentes das pessoas, e na realidade capitalismo ainda significava um único homem, uma única família, um único negócio a coordenar. Este fato mesmo veio a gerar alguns sérios problemas para a estrutura das empresas. Eles diziam respeito ao fornecimento de capital e a forma de administrá-lo.

A empresa característica da primeira metade do século tinha, esmagadoramente, sido financiada de forma privada – por exemplo, com recursos familiares – e sofrido expansão através de reinvestimento dos lucros, embora isto possa também querer dizer que, com a maior parte do capital comprometido desta maneira, a firma talvez necessitasse de uma boa quantidade de crédito para suas operações correntes. Mas o tamanho e o custo crescentes de empreendimentos tais como estradas de ferro, atividades metalúrgicas e outras que requeriam um grande empate de capital inicial, tornavam isso mais difícil, especialmente em países que estavam entrando em processo de industrialização, não dispondo de grandes acumulações de capital privado para investimento. É verdade que em alguns países tais reservatórios de capital já eram disponíveis suficientemente, não apenas para suas próprias necessidades, mas também ansiosos para serem exportados (com uma adequada taxa de juros) para o resto da economia mundial. Os ingleses investiram no exterior neste período como nunca antes ou, em termos relativos, desde então. Assim também o fizeram os franceses, provavelmente em detrimento de suas próprias indústrias, que cresceram a uma taxa inferior às suas rivais inglesas. Mas mesmo na Inglaterra e na França, novas formas de mobilizar estes recursos, ou de canalizá-los convenientemente para as empresas, precisavam ser encontradas.

Nosso período foi, assim, um tempo fértil para experimentos na mobilização de capital para o desenvolvimento industrial. Com a notável exceção da Inglaterra, a maioria das transações, de uma forma ou de outra, envolvia os bancos, direta ou indiretamente, ou eram feitas através da forma da moda, o *crédit mobilier*, uma espécie de companhia industrial financeira que olhava os bancos ortodoxos como in-

suficientemente preparados para (ou desinteressados em) o financiamento industrial, competindo com eles. Os irmãos Pereire, estes dinâmicos industrialistas inspirados pelas idéias de Saint-Simon e desfrutando de algum apoio de Napoleão III, desenvolveram o modelo protótipo desta invenção. Eles se espalharam por toda a Europa, competindo com seus raivosos rivais, os Rothschilds, que não gostaram da idéia mas foram obrigados a segui-la e – como freqüentemente acontece em períodos de grande expansão da economia em que financistas sentem-se heróis e o dinheiro corre – eram muito imitados, especialmente na Alemanha. *Crédits mobiliers* era a sensação, pelo menos até que os Rothschilds venceram a batalha contra os Pereires e – como também freqüentemente acontece em períodos de grande expansão econômica – alguns operadores se aventuraram um pouco longe demais atravessando a tênue fronteira que separa o otimismo nos negócios e a fraude. Entretanto, uma variedade de outras soluções com objetivos similares estava também sendo desenvolvida, especialmente o banco de investimento ou *banque d'affaires*. E evidentemente as bolsas de valores, agora comerciando principalmente com as ações das empresas comerciais e de transporte, floresciam como nunca. Em 1856, a Bolsa de Paris sozinha apresentava uma lista de 33 companhias de estradas de ferro e canais, 38 companhias de mineração, 11 portuárias, 7 de transportes urbanos, 11 de gás e 42 de vários empreendimentos industriais, indo de têxteis a ferro galvanizado e borracha, com um valor total de cinco e meio milhões de francos-ouro.¹⁵

Em quanto realmente eram requeridas estas vastas mobilizações de capital? Em que medida eram elas eficazes? Industriais em geral nunca apreciaram muito os financistas, e os primeiros tentaram sempre ter o mínimo possível de negócios a tratar com bancos. “Lille”, escreveu um observador em 1869, “não é uma cidade capitalista, é antes de tudo um grande centro industrial e comercial”¹⁶, onde os homens aplicavam seus lucros de volta nos negócios, não brincavam com eles, e onde todos esperavam nunca ter de pedir emprestado a bancos. Nenhum industrial gostava de ficar a mercê de credores. Mas às vezes precisavam fazê-lo. Krupp cresceu tão rapidamente entre 1855 e 1866 que ficou sem capital. Há um elegante modelo histórico, segundo o qual quanto mais atrasada a economia e quanto mais tardio o início da industrialização, maior a dependência nos métodos de mobilização de recursos e poupança em larga escala. Nos países desenvolvidos ocidentais, recursos privados e mercado de capital eram bastante adequados. Na Europa central, os bancos e instituições similares tinham que atuar muito na qualidade de sistemáticos “desenvolvedores” da história. Mais a Leste, Sul e além-mar, os governos tinham que apoiar-se em si mesmos, geralmente com a ajuda de investimento estrangeiro, fosse para garantir capital ou, talvez mais corretamente, fazer com que os investidores tivessem seus dividendos garantidos (ou pelo menos pensassem que tinham), dividendos que iriam sozinhos mobilizar o dinheiro. Fosse qual fosse a validade desta teoria, não há dúvida de que

em nosso período, os bancos (e instituições similares) tinham um papel muito mais relevante como atores do desenvolvimento e direção da indústria na Alemanha, o grande recém-chegado industrial, do que em qualquer outro país no Ocidente. Se eles apenas pretendiam – como os *crédits mobiliers* – ou se eles eram realmente eficazes no papel, é uma questão um pouco obscura. Provavelmente eles não eram particularmente preparados para tal, até que os grandes industriais, então reconhecendo a necessidade de um financiamento muito mais elaborado do que nos velhos dias, colonizaram os grandes bancos, como fizeram de forma crescente na Alemanha a partir da década de 1870.

As finanças não afetaram muito a organização dos negócios, mas talvez tenham influenciado na sua política. O problema da direção era mais complicado. Para o modelo básico da empresa individual ou em mãos de uma única família, a autocracia patriarcal familiar, este era um problema irrelevante nas indústrias da segunda metade do século XIX. “O melhor aprendizado é aquele proporcionado pela palavra que sai da boca”, dizia um manual alemão em 1868, “deixem o empreendedor dar o exemplo por si mesmo, onipresente e sempre acessível, cujas ordens sejam reforçadas pelo exemplo pessoal que seus empregados têm constantemente diante dos olhos.”¹⁷ Este conselho, adequado a artesãos ou fazendeiros, era válido na medida em que a instrução era um aspecto essencial da gerência nos novos países em vias de industrialização. Até homens com os conhecimentos básicos de artesãos (preferentemente em metais) precisavam aprender a habilidade do trabalhador especializado de fábrica. A grande maioria dos trabalhadores especializados dos Krupp parece ter sido treinada no trabalho desta maneira. Somente na Inglaterra podiam os empregadores confiar no suprimento de trabalhadores deste tipo que já tinham experiência industrial. O paternalismo de tantos empreendimentos no continente devia alguma coisa a esta longa associação entre os trabalhadores e as firmas onde tinham crescido e de onde dependiam. Mas os senhores dos trilhos, minas e siderúrgicas não podiam olhar paternalmente por cima dos ombros de seus empregados todo o tempo, e certamente não o fizeram.

A alternativa e complemento à instrução era o comando. Mas nem a autocracia da família nem as pequenas operações da indústria especializada e comércio supriam a necessidade de direção para as grandes organizações capitalistas. Portanto, a iniciativa privada na sua forma mais irrestrita e anárquica tendeu para os únicos modelos disponíveis de gerência em grande escala, o militar e o burocrático. As companhias de estradas de ferro, com suas pirâmides de trabalhadores uniformizados e disciplinados, possuindo segurança de trabalho, promoção por antiguidade e até mesmo pensões, são um exemplo extremo. O apelo exercido pelos títulos militares, que ocorria livremente entre os primeiros executivos ingleses de estradas de ferro e os executivos dos grandes portos, não era apenas devido ao orgulho em relação às hierarquias de soldados e oficiais (como era o caso dos alemães), mas à

inabilidade da iniciativa privada em determinar uma forma específica de gerência para os grandes negócios. Havia vantagens evidentes do ponto de vista organizacional. Não resolvia o problema da manutenção do trabalho de forma leal, diligente e modesta. Tudo estava muito bem para países onde uniformes estavam na moda – e eles certamente não estavam na Inglaterra e nos Estados Unidos –, encorajando entre os trabalhadores as virtudes militares dos soldados, e entre elas sem dúvida a de ser mal pago.

Sou um soldado, um soldado da indústria
E como você, tenho minha bandeira.
Meu trabalho, tem enriquecido a pátria.
Vou te dizer, meu destino é glorioso.¹⁸

Assim cantava um poeta em Lille (França). Mas mesmo este patriotismo era um pouco demasiado.

A era do capital encontrou dificuldades em acertar os termos com este problema. A insistência da burguesia na lealdade, disciplina e modesta satisfação não podia realmente esconder que sua verdadeira percepção de que o que fazia os trabalhadores trabalharem era algo bem diferente. Mas o que era então? Na teoria eles deveriam trabalhar para deixar de serem trabalhadores logo que possível, entrando então no universo burguês. Como “E.B.” colocou nas *Songs for English Workmen to Sing* em 1867:

Trabalhem, rapazes, trabalhem e fiquem satisfeitos
Desde que vocês tenham o suficiente para comprar um refeição;
O homem em que vocês podem confiar
Ficará rico mais e mais
Somente se puser seus ombros na roda.¹⁹

Mas embora esta esperança pudesse ser suficiente para alguns que tivessem conseguido subir e sair da classe operária, era perfeitamente evidente que a maioria dos trabalhadores permaneceria trabalhador por toda a vida, e de fato o sistema econômico requeria deles exatamente isso. A promessa do marechal-de-campo não tinha a intenção de promover todos os soldados a marechais.

Se a promoção não era um incentivo adequado, seria então o dinheiro? Entretanto era um axioma dos empregadores de meados do século XIX que os salários precisavam ser mantidos o mais baixo possível, embora empreendedores inteligentes com experiência internacional como Thomas Brassey, o construtor de estradas de ferro, comessem a apontar para o fato de que o trabalho do operário inglês bem pago era de fato mais barato que o do abissalmente mal pago *coolie*, já que a produtividade do primeiro era muito superior. Mas tais paradoxos não eram suficientes para convencer homens de negócios crescidos dentro da teoria econômica do *wage-fund*, acreditando ser ela uma demonstração científica de que aumentar salários era impossível, e que

os sindicatos estavam portanto condenados ao fracasso. A "ciência" tornou-se um pouco mais flexível a partir de 1870, quando o trabalhismo organizado começou a parecer um ator permanente na cena industrial, ao invés de aparecer apenas como um extra. A grande autoridade em economia, John Stuart Mill (1806-73) (que chegou a simpatizar pessoalmente com o trabalhismo), modificou sua posição na questão em 1869, depois do que a teoria do *wage-fund* perderia sua autoridade canônica. Mas não haveria ainda mudanças nos princípios de negócios. Poucos empregadores tinham a intenção de pagar mais do que precisavam.

Além disso, economia a parte, nos países do Velho Mundo a classe média acreditava que os trabalhadores deveriam ser pobres, não apenas porque sempre tinham sido, mas também porque a inferioridade econômica era um índice adequado de inferioridade de classe. Se, como aconteceu ocasionalmente – por exemplo no grande *boom* de 1872-73 –, alguns trabalhadores chegassem a receber suficientemente para se darem ao luxo de desfrutar dos privilégios que os empregadores olhavam como seus direitos naturais, a indignação que isto levantava era sincera e vinha do fundo do coração. O que é que mineiros tinham a ver com pianos de cauda e champagne? Em países com carência de trabalhadores, hierarquia social subdesenvolvida e uma população operária truculenta e democrática, as coisas poderiam ser diferentes; mas na Inglaterra e na Alemanha, França e Império dos Habsburgos, diferente da Austrália e dos Estados Unidos, o máximo adequado para a classe trabalhadora era uma quantidade suficiente de comida boa e decente (preferivelmente sem muita bebida), um lugar modesto para vida social, vestimenta adequada para proteger a moral, e saúde e conforto sem arriscar uma tendência à imitação dos melhores na escala social. Esperava-se que o progresso capitalista viesse eventualmente trazer os trabalhadores próximo a este ideal, e infelizmente (o que não implicava em aumentar salários) muitos ainda estavam abaixo deste nível. Portanto, era desnecessário, indesejável e perigoso aumentar salários além daquele limite.

De fato, as teorias econômicas e os princípios aceitos do liberalismo de classe média não iam muito bem juntos. Em certo sentido as teorias triunfaram. Em nosso período, a relação de salário iria ser crescentemente transformada em uma relação de mercado. Conseqüentemente, vimos o capitalismo inglês da década de 1860 abandonar formas de compulsão não-econômica de trabalho (tais como os *Master e Servants Acts* que puniam com cadeia quebras de contratos por trabalhadores), contratos de longo termo (tais como o *annual bond* dos mineiros de carvão do Norte), enquanto a duração média de contratos era diminuída, o período médio de pagamento gradualmente reduzido para uma semana ou mesmo um dia ou uma hora, fazendo portanto a barganha no mercado muito mais sensível e flexível. Por outro lado, as classes médias teriam ficado chocadas se os trabalhadores pedissem de fato por um tipo de vida que elas tinham como dado, e mais ainda se

eles viessem a consegui-lo. Desigualdade de vida e expectativas cresciam com o sistema.

Isso limitava os incentivos econômicos que os patrões estavam preparados para conceder. Eles desejavam ligar salários à produção por vários sistemas de *piece-work*, que parece haverem se espalhado durante nosso período, e assinalar que os trabalhadores deviam agradecer por ter afinal algum trabalho, já que havia um grande exército industrial de reserva do lado de fora esperando por aqueles empregos.

Pagamentos contra resultados tinham algumas vantagens evidentes: Marx chamou-a a melhor forma de retribuição por salários para o capitalismo. Fornecia um incentivo genuíno para o trabalhador intensificar o seu trabalho e, conseqüentemente, aumentar sua produtividade, uma garantia contra a negligência em geral, uma solução para reduzir a conta de salários em tempos de depressão, assim como um método adequado para reduzir os custos do trabalho e impedir que salários aumentassem mais do que era necessário e conveniente. Também dividia os trabalhadores entre si, já que o que recebiam podia variar enormemente dentro do mesmo estabelecimento, ou diferentes tipos de trabalho poderiam ser pagos através de formas inteiramente diferentes. Algumas vezes os especializados faziam o papel de subempregadores, pagos por produção, contratando então assistentes não-especializados por um mínimo e controlando o que estes produziam. O problema era que o trabalho por empreitada sofria alguma resistência, especialmente por parte dos especializados, já que era um arranjo muito complexo e obscuro, não apenas para os trabalhadores mas também para os empregadores que não tinham, na maioria das vezes, idéias das normas de produção que deveriam ser estipuladas. Também, não era fácil de ser aplicado em algumas ocupações. Os trabalhadores tentaram remover estas desvantagens reintroduzindo o conceito de um salário básico previsível e impossível de ser comprimido, que seria um "salário padrão" determinado através dos sindicatos ou de práticas informais. Os empregadores estavam próximos da remoção destas idéias por aquele processo que os partidários da indústria americanos iriam chamar de "gerência científica" (*scientific management*), mas no nosso período eles ainda tinham problemas em lidar com esta solução.

Talvez isto tenha levado a uma ênfase maior no outro incentivo econômico. Se um único fator dominava a vida dos trabalhadores do século XIX, este fator era a *insegurança*. Eles não sabiam no princípio da semana quanto iriam levar para casa na sexta-feira. Eles não sabiam quanto tempo iriam durar o emprego presente ou, se viessem a perdê-lo, quando voltariam a encontrar um novo trabalho e em que condições. Eles não sabiam que acidentes ou doenças iriam afetá-los, e embora soubessem que algum dia no meio da vida – talvez 40 anos para os trabalhadores não-especializados, talvez 50 para os especializados – iriam se tornar incapazes para o trabalho pleno e adulto, não sabiam o que iria acontecer então entre este momento e a morte. Di-

versa era a insegurança dos camponeses, à mercê de periódicas – e, para ser honesto, mais assassinas – catástrofes tais como secas e fome, mas capazes de prever com maior precisão como um homem ou uma mulher pobre passaria a maioria dos dias da vida do nascimento até a morte. A primeira era uma imprevisibilidade mais profunda, apesar do fato de que a maioria dos trabalhadores era empregada por longos períodos de suas vidas por um único empregador. Não havia certeza no trabalho mesmo para os mais especializados: durante a queda de 1857-58 o número de trabalhadores na indústria de engenharia em Berlim caiu em quase uma terça parte.²⁰ Não existia nada que correspondesse à moderna segurança social, exceto caridade e readmissão no serviço, mas algumas vezes nem isso.

Para o mundo do liberalismo, insegurança era o preço a pagar por progresso e liberdade, sem mencionar riqueza, e tornava-se tolerável pela contínua expansão econômica. Segurança deveria ser comprada – pelo menos algumas vezes – não por homens e mulheres livres, mas, como a terminologia inglesa especificava muito bem, por “empregados” – cuja liberdade era bastante limitada: empregados domésticos, empregados de estradas de ferro, servidores civis etc.. Na realidade, o maior grupo entre estes, os empregados domésticos urbanos não desfrutavam da segurança das famílias da nobreza tradicional, mas freqüentemente viam-se diante da insegurança na sua pior forma: demissão imediata sem uma carta de recomendação do antigo senhor para futuros empregadores. Pois o mundo dos burgueses estabelecidos também era considerado como sendo basicamente inseguro, um estado de guerra onde a qualquer momento eles poderiam ser as vítimas da competição, fraude ou desastre econômico, embora os homens de negócios que eram vulneráveis a esse ponto talvez formassem apenas uma pequena minoria das classes médias, e a penalidade do fracasso raramente era o trabalho manual, menos ainda o trabalho de casa.

A expansão econômica mitigava esta constante insegurança. Não há muita evidência de que salários reais na Europa tenham começado a aumentar antes do final da década de 1860, mas mesmo antes que o sentimento geral de que os tempos melhoravam passasse a ser uma certeza nos países desenvolvidos, o contraste com as décadas desesperadas e sofridas de 1830 e 1840 era palpável. Nem o aumento súbito no custo de vida nos anos 1853-54, nem a catástrofe financeira de 1858 trouxeram distúrbios sociais sérios. A verdade é que o grande boom econômico havia fornecido emprego – em casa e para os imigrantes afora – numa escala sem precedentes. Não havia evidentemente falta de trabalho, já que os exércitos de reserva da população rural (em casa e fora) estavam agora pela primeira vez avançando *en masse* sobre os mercados de trabalho. Somente o fato de que a competição destes últimos não reverteu as condições da classe operária sugere que o ímpeto e a escala desta expansão econômica eram realmente imensos.

A classe operária, porém, muito diferente da classe média, via a insegurança como uma coisa muito mais constante e real. Ela não ti-

nya reservas significativas. Aqueles que podiam viver de economias por algumas semanas eram considerados privilegiados²¹. Até os salários dos especializados eram modestos. Em tempos normais, um operário em Preston que, com seus sete filhos empregados, ganhasse 4 libras por semanas numa semana de pleno emprego, teria sido objeto de inveja de seus vizinhos. Mas não foram precisas muitas semanas da epidemia de fome em Lancashire (devida a interrupção do suprimento de algodão dos Estados Unidos por causa da Guerra Civil) para reduzir esta mesma família à miséria. O caminho normal, ou mesmo inevitável da vida passava por estes abismos nos quais o trabalhador e sua família iriam provavelmente cair: o nascimento de crianças; a velhice e a impossibilidade de continuar o trabalho. Em Preston, 52% de todas as famílias operárias com crianças abaixo da idade de trabalho, trabalhando em pleno serviço num ano de comércio memorável (1851) poderia esperar viver abaixo da linha de miséria.²² A idade avançada era uma catástrofe para ser esperada com estoicismo, um declínio na capacidade de produção a partir dos 40, quando a força física começava a decair – especialmente para os menos especializados –, seguida de pobreza. Para a classe média, os meados do século XIX foram a idade de ouro das pessoas em idade madura, quando os homens atingiam o ponto culminante de suas carreiras, renda e atividade e o declínio fisiológico ainda não havia-se tornado muito óbvio. Para os oprimidos – trabalhadores de ambos os sexos e mulheres de todas as classes – a flor da vida só aparecia na juventude.

Nem incentivos econômicos nem insegurança forneciam um mecanismo geral realmente efetivo para manter o trabalho no seu ponto máximo; o primeiro porque sua amplitude era limitada, o último porque sua obtenção parecia tão impossível como a previsão do tempo. As classes médias achavam este argumento de difícil compreensão. Por que deveriam ser exatamente os melhores, mais capazes e sóbrios trabalhadores, aqueles com maior tendência a formar sindicatos, já que eles eram precisamente os que mereciam os melhores salários e o emprego mais regular? Mas os sindicatos eram de fato compostos e liderados por estes homens, embora a mitologia burguesa visse os sindicatos como multidões de estúpidos e desencaminhados, instigados por agitadores que não conseguiriam obter uma melhor forma de vida de outra maneira. Certamente não havia nenhum mistério nisso. Os trabalhadores que eram objeto de competição entre empregadores não eram apenas aqueles que tinham força de barganha para fazer a existência de sindicatos possível mas também aqueles mais conscientes de que “o mercado” sozinho não lhes garantia nem segurança nem aquilo a que eles pensavam ter direito.

Entretanto, desde que eles não se organizassem – e algumas vezes mesmo quando chegavam a fazê-lo – os trabalhadores proporcionavam a seus empregadores uma solução para o controle do trabalho: na sua esmagadora maioria eles gostavam de trabalhar e suas expectativas eram espantosamente modestas. Os não-especializados ou recém-

chegados do interior eram orgulhosos de sua força, vindo de um meio onde o trabalho pesado era o critério do valor de uma pessoa e onde mulheres eram escolhidas não pela aparência mas pela potencialidade para o trabalho. "Minha experiência tem mostrado", declarou um superintendente de siderurgia americano em 1875, "que os alemães, irlandeses, suecos e aquilo que eu chamo de *Buckwheats* - jovens americanos do campo - criteriosamente misturados, produzem a força mais efetiva e tratável que se possa encontrar." ²³

Por outro lado, os especializados eram sensíveis aos incentivos (não-capitalistas) do orgulho e conhecimento de suas especializações. Até as máquinas deste período, de ferro e bronze, limpas e polidas com o toque do amor, em condições perfeitas de funcionamento depois de um século, são um vivo exemplo disso. O catálogo sem fim dos objetos dispostos nas exposições internacionais, embora horríveis do ponto de vista estético, eram monumentos para orgulho daqueles que os construíram. Estes homens não aceitavam muito bem as ordens e supervisão, e estavam freqüentemente fora de qualquer controle efetivo, exceto pelo coletivo que eram suas oficinas. Eles também recusavam métodos para fazer com que seus serviços fossem feitos mais rapidamente, ou que rebaixassem o respeito devido ao trabalho. Mas se eles não trabalhavam nem mais ou nem mais rapidamente do que o que o trabalho pedia, eles não trabalhavam nem menos nem com menor vigor: ninguém precisava oferecer-lhes maiores incentivos para que dessem do seu melhor. "Um dia justo de trabalho por um dia justo de pagamento" dizia o refrão, e se eles esperavam que o pagamento os satisfizesse, esperavam também que o trabalho tornasse a todos satisfeitos, inclusive a eles mesmos.

Evidentemente, esta visão não-capitalista do trabalho beneficiava mais aos empregadores que aos operários. É necessário observar que os compradores no mercado de trabalho operavam segundo o princípio de comprar no mercado mais barato e vender no mais caro, embora às vezes ignorantes dos métodos de avaliação corretos. Mas os vendedores não estavam geralmente pedindo o salário máximo que o mercado pudesse aguentar e oferecendo em troca a quantidade mínima de trabalho que pudessem. Estes últimos estavam apenas buscando uma forma decente de ganhar a vida. Eles estavam apenas tentando melhorar um pouco. Em resumo, embora naturalmente não fossem insensíveis às diferenças entre salários altos e baixos, eles estavam comprometidos mais com a vida humana do que com transações econômicas.

III

Mas é possível falarmos dos "trabalhadores" como uma categoria única ou como uma classe? O que havia em comum entre grupos de pessoas freqüentemente tão diferentes no meio, origem social, formação, situação econômica ou mesmo até na língua e costumes? Nem

mesmo a pobreza, pois embora para os padrões da classe média todos tivessem baixas rendas - exceto em paraísos do trabalho como a Austrália na década de 1850, onde os trabalhadores em composição de jornais ganhavam até 18 libras por semana -, ²⁴ pelos padrões dos pobres havia uma grande diferença entre os "artesãos" bem pagos ou menos regularmente empregados, que usavam uma cópia das vestimentas da classe média nos domingos ou mesmo no caminho para o trabalho e os trabalhadores famintos que nem sabiam quando receberiam a próxima refeição, ou a de sua família. Todos estavam realmente unidos através de um sentido comum do trabalho manual e da exploração, e de forma crescente, pelo destino de serem operários. Eles estavam unidos pela crescente segregação da sociedade burguesa, cuja riqueza crescia dramaticamente enquanto a situação dos trabalhadores permanecia precária, uma burguesia que se tornava mais e mais inflexível na admissão dos que vinham de baixo. Pois havia uma real diferença entre as modestas conquistas de conforto que um trabalhador bem-sucedido, ou mesmo um ex-trabalhador pudessem conseguir e as brutais acumulações de riqueza. Os trabalhadores foram empurrados para uma consciência comum não apenas pela polarização social mas, nas cidades pelo menos, por um estilo comum de vida - no qual a taverna ("a igreja do trabalhador", como um burguês liberal chamou-a) tinha um papel central - e por um estilo comum de pensamento. Os menos conscientes tendiam a ser tacitamente laicizados, os mais conscientes radicalizavam-se - os que apoiaram a Internacional na década de 1860, os futuros seguidores dos socialistas. Os dois fenômenos estavam interligados, pois a religião tradicional tinha sido sempre um liame de unidade social dentro do ritual de afirmação da comunidade. Mas as procissões e cerimônias comuns atrofiaram-se em Lille durante o Segundo Império. Os trabalhadores especializados de Viena, cuja piedade e ingênua alegria na pompa católica Le Play havia notado na década de 1850, tornaram-se indiferentes a estas coisas. Em menos de duas gerações haviam transferido sua fé para o socialismo.

Os grupos heterogêneos dos "trabalhadores pobres" sem dúvida tenderam a se tornar parte do "proletariado" nas cidades e regiões industriais. A importância crescente dos sindicatos na década de 1860 registrou bem esta circunstância, e a existência mesma - para não mencionar a força - da Internacional teria sido impossível sem ela. Porém, os "trabalhadores pobres" não eram apenas o conjunto de grupos disparatados. Eles haviam, especialmente nos anos desesperados da primeira metade do século, fundido-se numa massa homogênea de descontentes e oprimidos. Esta homogeneidade estava agora sendo perdida. A era do capitalismo liberal estável e florescente oferecia à "classe operária" a possibilidade de melhorar sua barganha coletiva através de organização coletiva. Mas aqueles que permaneciam meramente a miscelânea de "pobres" não podiam esperar muito dos sindicatos, e menos ainda das Sociedades de Ajuda Mútua. Sindicatos eram, especialmente, organizações que favoreciam minorias, embora

greves pudessem ocasionalmente mobilizar as massas. Além disso, o capitalismo oferecia ao trabalhador individual perspectivas diferentes de melhorias em termos burgueses, que porções maiores da população trabalhadora eram incapazes ou estavam sem vontade de obter.

Uma fissura, portanto, apareceu dentro daquilo que se transformava, de forma crescente, na "classe operária". Ela separava os "trabalhadores" dos "pobres", ou de outra forma, "os respeitáveis" dos "sem respeito". Em termos políticos (ver capítulo 6) separava pessoas como o "artesão inteligente", aos quais os radicais de classe média ingleses estavam ansiosos para dar o voto, das massas enraivecidas que eles estavam ainda determinados a excluir.

Nenhum termo é mais difícil de analisar que "respeitabilidade" na classe operária de meados do século XIX, pois expressava simultaneamente a penetração de *standards* e valores da classe média e também as atitudes sem as quais o amor-próprio da classe operária não teria sido possível de ser criado, assim como um movimento de luta coletiva impossível de construir: sobriedade, sacrifício, o adiamento da gratificação. Se o movimento dos trabalhadores tivesse sido claramente revolucionário, ou pelo menos radicalmente segregado do mundo da classe média (como havia sido antes de 1848 e voltaria a sê-lo na era da Segunda Internacional), a distinção teria sido suficientemente clara. Porém, no nosso período, a linha entre melhoria individual e coletiva, entre imitar a classe média e combatê-la com as próprias armas era difícil de traçar. Onde devemos situar William Marcroft (1822-94)? Ele poderia ser facilmente apresentado como um modesto exemplo da "ajuda-a-si-mesmo" de Samuel Smiles – o filho ilegítimo de um empregado de fazenda e uma tecelã, sem nenhuma educação, que começou como um trabalhador na indústria têxtil, passando a capataz numa firma de engenharia até que, em 1861, estabeleceu-se de forma independente como um dentista, morrendo com 15 mil libras acumuladas, o que não era nada negligenciável: um radical-liberal por toda a vida e advogado da moderação. Mas seu lugar modesto na história também é devido à sua paixão (igualmente por toda a vida) pela produção cooperativa (isto é, socialismo através de "ajuda-a-si-mesmo") ao qual ele dedicou todos os seus dias. Por outro lado, William Allan (1813-74) era sem dúvida nenhuma um seguidor da luta de classe e, nas palavras de seu obituário, "em questões sociais ele inclinava-se para a escola de Robert Owen". Portanto, este trabalhador radical, formado na escola revolucionária de antes de 1848, iria deixar sua marca na história do trabalhismo como o cauteloso, moderado e acima de tudo eficiente administrador do maior dos sindicatos de trabalhadores especializados do "novo modelo", a Amalgamated Society of Engineers; era um anglicano convicto e "em política um liberal consistente, não dado a nenhum tipo de politicagem"²⁶.

O fato é que o trabalhador capaz e inteligente, especialmente se especializado, oferecia tanto o principal esteio do controle social de classe média e de disciplina industrial no trabalho, como também os

melhores indivíduos para a autodefesa coletiva dos trabalhadores. Ele fornecia o primeiro porque o capitalismo estável, próspero e em expansão precisava dele, proporcionando-lhe perspectivas de melhoria modesta. Estas não pareciam mais provisórias ou temporárias. Mas ele também fornecia o segundo, porque (com a possível exceção dos Estados Unidos, aquela terra que parecia prometer ao pobre um meio pessoal de livrar-se de uma pobreza que se arrastava por toda a vida, de sair da classe operária, e a cada cidadão igualdade diante de todos) as classes trabalhadoras sabiam que o mercado livre liberal por si só não lhes daria os direitos ou lhes supriria as necessidades. Eles precisavam se organizar e lutar. A "aristocracia do trabalho" inglesa, uma camada peculiar a este país onde a classe de pequenos produtores independentes, lojistas etc. era relativamente insignificante, como era também a baixa classe dos *white-collar* e burocratas menores, ajudou a transformar o Partido Liberal num partido de apelo genuinamente de massa. Ao mesmo tempo, formava o coração do movimento sindical, incomumente poderoso. Na Alemanha, mesmo os trabalhadores mais "respeitáveis" eram empurrados para as fileiras do proletariado pela distância que os separava da burguesia e pela força das classes intermediárias. Ali o homem que mergulhava nas associações de "melhoria" (*Bildungsvereine*) na década de 1860 – havia mil destes clubes em 1863, 2 mil em 1872 somente na Baviera – afastava-se rapidamente do liberalismo de classe média destas associações, embora não tanto da cultura de classe média que ali lhe fora inculcada²⁷. Outros como ele iriam se transformar no pessoal dirigente do novo movimento social-democrata, especialmente depois do fim de nosso período. Mas eles eram trabalhadores "respeitáveis", e levaram o bom e o mau lado de sua respeitabilidade para o partido de Lassalle e Marx. Somente onde a revolução parecia ser a *única* solução plausível para as condições dos trabalhadores pobres, ou onde – como na França – a tradição de insurreição e república social revolucionária era a tradição política dominante do povo trabalhador, a "respeitabilidade" era um fator relativamente insignificante, ou confinado às classes médias e àqueles que desejavam identificar-se com elas.

E os outros? Embora fossem objeto de muito mais interesse que as classes trabalhadoras "respeitáveis" (bem menos nesta geração do que antes de 1848 ou depois de 1880), deles sabemos muito pouco, exceto pela pobreza e abandono a que estavam relegados. Não expressavam opiniões publicamente, e raramente eram requisitados mesmo por aquelas organizações sindicais, políticas ou outras que se preocupassem em chegar até eles. Mesmo o Exército da Salvação, criado tendo especificamente estes setores pobres "não-respeitáveis" em mente, não conseguiu tornar-se mais do que uma atração de entretenimento público (com seus uniformes, bandas e hinos) e uma fonte útil de caridade. De fato, para a maioria dos não-especializados, as organizações que começavam a dar expressão ao movimento trabalhista dos "respeitáveis" eram inatingíveis. Grandes levantes de cunho político, tal-

como o Cartismo na década de 1840, podiam recrutá-los: os vendedores de mercado descritos por Henry Mayhew eram todos cartistas. Grandes revoluções poderiam inspirar, talvez apenas brevemente, até os mais oprimidos e apolíticos: as prostitutas de Paris foram decididamente a favor da Comuna em 1871. Mas a era do triunfo burguês não eram precisamente uma era de revoluções ou mesmo de movimentos de massas políticas, Bakunin não estava talvez inteiramente errado ao supor que o espírito de uma insurreição pelo menos potencial estava talvez mais entre os marginais e o subproletariado, embora estivesse bastante enganado ao vê-los como base para um movimento revolucionário. A miscelânea dos pobres apoiou a Comuna, mas seus ativistas eram os especializados e artesãos; as seções mais marginais entre os pobres – os adolescentes – estavam pouco representados entre eles. Os adultos, especialmente aqueles suficientemente velhos para ter, mesmo que falha, uma memória a cerca de 1848, eram os revolucionários característicos de 1871.

A linha que dividia os trabalhadores pobres entre militantes potenciais do movimento trabalhista e o resto não era cortante, mas certamente existia. “Associação” – a formação livre e consciente de sociedades democráticas para melhorias e defesa social – era a fórmula mágica da época liberal; através dela, até os movimentos trabalhistas que iriam abandonar o liberalismo se desenvolveriam²⁸. Aqueles que quisessem e pudessem efetivamente “associar-se” deveriam dar os ombros e desprezar os que não quisessem ou pudessem, e não apenas as mulheres que estavam virtualmente excluídas do mundo das formalidades dos clubes e de suas propostas de associados. As fronteiras daqueles setores da classe operária que iriam ser reconhecidos como forças sociais e políticas coincidia com o mundo dos clubes – Sociedades de Ajuda Mútua, ordens fraternas de beneficência, clubes de esportes e ginástica e mesmo associações religiosas voluntárias num extremo e associações políticas e de trabalho ao outro. Estas últimas cobriam uma parte variada mas substancial da classe operária – talvez uns 40% no final de nosso período. Mas deixava muitos de fora. Estes eram os objetos e não os sujeitos da era liberal.

É difícil, olhando retrospectivamente, formar uma idéia equilibrada das condições de todos estes trabalhadores. Em um aspecto, a lista dos países onde havia cidades e indústrias modernas era agora muito maior, e conseqüentemente o nível de desenvolvimento industrial que representavam. Portanto, generalizações não são fáceis, e seu valor é circunscrito mesmo se nos limitarmos – e precisamos fazê-lo – aos países relativamente desenvolvidos em oposição aos atrasados, as classes trabalhadoras urbanas em distinção aos setores camponeses e agrários. O problema é determinar um meio termo entre, de um lado, a violenta pobreza que ainda dominava a vida da maior parte dos trabalhadores pobres, o meio físico e moral repulsivo que cercava muitos deles e, de outro, a melhoria geral das condições e perspectivas que havia ocorrido desde a década de 1840. Porta-vozes satisfeitos de parte

da burguesia tendiam a dar maior ênfase a estas melhorias, embora ninguém pudesse negar o que Sir Robert Giffen (1837-1900), olhando para o meio século da história inglesa de 1883, chamou de “um resíduo ainda não desenvolvido”, ou que as melhorias, “mesmo quando medidas por um ideal baixo, ainda são muito pequenas”, ou então que “ninguém pode contemplar as condições das massas populares sem desejar alguma coisa como uma revolução para que elas melhorem”²⁹. Reformadores sociais menos satisfeitos, embora não negando as melhorias – no caso da elite de trabalhadores cujas qualificações relativamente escassas punham-nos numa condição de vendedores privilegiados no mercado de trabalho –, davam um retrato menos cor de rosa:

“Sobram ainda (escrevia Miss Edith Simcox, no começo da década de 1880) ... uns dez milhões de trabalhadores de cidades, incluindo todos os mecânicos e trabalhadores cujas vidas não estão ameaçadas pela miséria. Nenhuma linha precisa pode ser traçada entre os trabalhadores que podem ser contados entre “os pobres” e aqueles que estão fora; há um fluxo constante, e exceto aqueles que sofrem de má remuneração crônica, artesãos assim como mercadorias, estão todos constantemente mergulhando, com culpa ou não, nas profundezas da miséria. Não é fácil julgar quantos dentre estes dez milhões pertencem à próspera aristocracia das classes trabalhadoras, aquela camada com a qual os políticos entram em contato e da qual saem aqueles que a sociedade apressadamente acolhe como “trabalhadores representativos”... Eu confesso que deveria estimar que apenas um pouco mais de dois milhões de trabalhadores especializados, representando uma população de cinco milhões, esteja vivendo habitualmente com alguma facilidade e segurança de qualquer espécie... Os outros cinco milhões incluem os trabalhadores e operários menos especializados, homens e mulheres, cujo salário máximo lhes proporciona as necessidades e decência mínimas da existência e para os quais, por conseguinte, qualquer azar significa miséria, uma queda rápida na penúria”³⁰.

Mas mesmo estas impressões bem informadas e evidentes eram um tanto otimistas, por duas razões. Primeiro, porque (como pesquisas sociais que começaram a ser feitas a partir do final da década de 1880 deixam claro) os trabalhadores pobres – que formavam aproximadamente 40% da classe operária de Londres – pouco desfrutavam das “decências mínimas da existência”, mesmo pelos padrões austeros aplicados para os setores mais baixos. Segundo, porque o “estado de alguma facilidade e segurança de qualquer espécie” representava demasiado pouco. A jovem Beatrix Potter, vivendo anonimamente entre os operários têxteis de Bacu, não teve dúvida de que tivesse partilhado das vidas da “confortável classe operária” – dissidentes e colaboradores, uma comunidade fechada excluindo os “não-respeitáveis” e marginais, cercada pelo “bem-estar geral e bem remunerado”, sendo as casas “bem-decoradas e mobiladas, e as refeições excelentes”. E mesmo

- esta observadora perspicaz iria descrever estes mesmos indivíduos - quase sem perceber o que estava descrevendo - como parecendo vítimas de excesso de trabalho físico nos períodos de grande comércio, comendo e dormindo muito pouco, fisicamente exaustos para esforços intelectuais, a mercê de "muitas chances de esgotamento, significando falta de conforto físico". A profunda e simples fé puritana destes homens e mulheres era, como ela via, uma resposta ao medo das "vidas gastas e fracassadas"

"Vida em Cristo" e esperança em outro mundo trazem facilidade e refinamento na mera luta pela existência, acalmando a busca desenfreada pelas boas coisas desta vida com "uma outra existência", e fazendo do fracasso um "meio de atingir a graça" ao invés de uma busca incansável pelo sucesso".³¹

Este não é o quadro de famintos prestes a se rebelarem nos seus cortiços, mas também não é um quadro de homens e mulheres "melhores, muito melhores do que eram há cinquenta anos atrás", e menos ainda de uma classe que "tinha tido o benefício material dos últimos cinquenta anos" (Giffen)³², como economistas satisfeitos e ignorantes mantinham. Era um quadro de pessoas com algum respeito e segurança, cujas expectativas eram enormemente modestas, mas conscientes de que poderia ser bem pior, que se lembravam de tempos quando eram bem mais pobres, e que estavam freqüentemente perseguidas pelos aspectos da miséria (como entendiam o termo). O pauperismo estava sempre próximo. "Ninguém deve usar muito de uma coisa boa porque senão gasta-se dinheiro com muita facilidade", disse um dos hospedeiros de Beatrix Potter, colocando o cigarro que ela havia-lhe oferecido em cima da lareira depois de uma ou duas baforadas, guardando para a noite seguinte. Aquele que esquecer que esta era a forma pela qual homens e mulheres pensavam sobre os bens de suas vidas, naqueles dias, não será certamente a pessoa indicada para julgar a pequena mas genuína melhoria que a grande expansão capitalista trouxe para uma parte substancial das classes trabalhadoras no nosso período. E a distância que as separava do mundo burguês era imensa - e intransponível.